

NATUREZA, JARDINS BOTANICOS E UTOPIA*

Ana Luisa Janeira

Coordenadora do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da
Universidade de Lisboa. Professora Associada do Departamento de
Química da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

RESUMO

No mundo ocidental, o diálogo com a Natureza —ideias, comportamentos e práticas— não foi sempre o mesmo. Em qualquer dos casos, os jardins correspondem sempre a um modo singular de criar planos e construções —fronteiras entre a realidade e o imaginário, entre o possível e o impossível, entre a fuga e a reconstrução— o que ocorre nomeadamente nos jardins botânicos, porquanto a relação entre o microcosmos e o macrocosmos atinge aqui contornos de harmonia idealizada.

SUMMARY

In the western world, the dialogue with Nature —ideas, behaviors and practices— was not always the same. At all instances, gardens are always attached to a very particular skill in creating plans and expressions —frontiers between reality and the imaginary, the possible and the not possible, evasion and the reconstruction— and this occurs namely in botanical gardens, because the relation microcosmos and macrocosmos attains here the outlines of an idealized harmony.

O ser vegetal é uma forma especial de existir no conjunto da Natureza (cf. 1-3), por isso importa definir a lógica interna que o inscreve no todo, as suas particularidades essenciais e o seu “modo-de-estar” dentro dos jardins.

As espacialidades específicas para produzir e reproduzir vegetais, ligadas a ideais de utopia sofreram mudanças, perturbações e crises: à horta juntou-se o horto, e a este o horto botânico, por exigências de especialização científica, a partir dos tempos modernos.

* Texto preparado no âmbito do projecto «Natureza, Conhecimento Ciência e Experimentação». Para melhor compreender a integração deste tema no contexto da História e Filosofia das Ciências, consultar o capítulo «História, Filosofia e Museologia das Ciências» do livro *Fazer-Ver para Fazer-Saber: os Museus das Ciências*, Lisboa, Edições Salamandra, 1995, de onde extraio uma parte substancial deste texto.

NATUREZA

Como a Filosofia nasce do espanto e se mantém por perplexidades, aos gregos coube a primeira itinerância em busca do princípio originante das coisas. Disseram, numa sequência significativa, que era água (Tales (séc. VII-VI a.C.)) apeiron (Anaximandro (séc. VII-VI a.C.)) ar (Anaxímenes (séc. VI a.C.)) número (Pitágoras (séc. VI a.C.)) devir-fogo (Heraclito (séc. VI-V a.C.)) e falaram até dos quatro elementos (Empédocles (séc. V a.C.)). Assim sendo, criaram um deslizamento ascético, com avanços e retrocessos, dado o grau de maior ou de menor abstracção de que se serviram para pensar a *arché*.

Apesar de desembocar directamente nos meandros da Metafísica, a procura da *ousía* e da *quidditas* corresponde sempre a uma via com alicerces remotos na Física - *physis*. Neste particular, foram múltiplas as andanças, por onde foi urgindo a demanda empreendida para sossegar o espírito, seja pela necessidade “arque-típica” de um fundamento para tudo, seja pela legitimidade de se querer pôr no discurso os enunciados de como o substanciar.

Depois da aquidade ontológica do pensar helénico, que nunca encontrou semelhança entre romanos, o pensamento cristão nascente descobriu uma fórmula muito sábia, complexa e densa, de expressar a origem, quando inscreveu o seu ponto de partida numa “arqueo-logia” centrada entre a Palavra e a Razão: “no princípio era o Verbo”. O *Logos-Verbum* passa a marcar uma cultura, por onde o conceito de Natureza percorre momentos diferenciados.

Distinta da homófona a que os filósofos fazem corresponder essência, propriedade, constituição ou identidade, a palavra que nos ocupa tem honras de inicial maiúscula e nunca se manteve inalterável, ao longo das múltiplas conquistas e vicissitudes do pensamento, para manter com ela relações de sintonia ou para lhe impor domínio. Na verdade, houve tempos em que...

- a Natureza e a Matéria tinham muito em comum, a ponto da mesma raiz etimológica dar para Física e Fisiologia;
- o cariz de uma ontologia analógica permitia associações, perdidas para sempre, depois;
- a projecção de sistemas governativos, vigentes entre humanos, levava a invocar os Três Reinos, sob tom aliciante.

Paralelamente, a procura de sistematizações orientadas por opostos constituiu pares representativos, segundo as abordagens, os níveis e as maneiras onde a aproximação se quis operante: *Natura* - *Cultura*, Natureza - Poiética, Natureza - Arte, Natureza-Ciência, Natureza - Técnica, *Naturalia* - *Artificialia* (cf. 8). A estes pares

juntaram-se outros, de teor mais concreto, limitado e circunstanciado: Natureza - Paisagem, Natureza - Ambiente, Campo - Cidade.

JARDINS BOTÂNICOS

Por diversas que sejam as áreas e as épocas, por diversos que sejam esses pares entre si, encontramos, sempre, espaços muito concretos, onde a vegetabilidade toma foros bem singulares: os jardins (cf. 4).

Sendo a utilidade primitiva das plantas equacionada em termos de sobrevivência-alimentação (e)ou saúde -a espécie humana estabeleceu certo tipo de relacionamento marcado por um pragmatismo essencial. Daí a necessidade de uma proximidade, premente na medida mesma em que tocava a luta pela vida, e a que corresponderam formas de as integrar nos circuitos domésticos. No caso da utilidade médica, a sabedoria helénica percebeu bem quanto a planta ou parte dela, usada como *phármakon*, ficava nos interstícios entre a saúde e a doença pois, tomada com peso e medida permanecia ligada à vida, e representava veneno, logo causa de morte, ao ser ingerida em excesso.

Qualquer jardim pressupõe e materializa a procura de uma harmonia interna entre o saber e o prazer. No entanto, e porque o jogo das predominâncias se foi alterando ou coexistindo sob várias formas, teremos, desde longa data:

- jardins do prazer - da forma à cor e ao cheiro,
- jardins do sabor - plantas para a alimentação e para a sobrevivência (gosto e nutrição),
- jardins do saber - locais destinados ao cultivo de espécimes, pertencentes ao Segundo Reino da Natureza e destinados à Farmacologia e à Medicina.

Relativamente as especialidades singulares criadas para (re)produzir vegetais, à horta juntou-se o horto, e a este o horto botânico, devido a exigências de maior especialização científica.

Se a horta tem fins alimentares e o horto acolhe simples destinados a drogas e fármacos, o horto botânico serve a sistemática e a nomenclatura, dentro de uma vertente teórico-experimental. A partir daí e numa perspectiva gnosiológica moderna, a Natureza passou a ser apreendida através de instâncias e de esforços com características diferentes:

- conhecimento empírico - percepção das aparências (o que se vê, conta ou ouve), do que resulta o “mundo dos fenómenos”;

— conhecimento científico - construção conceptual, integração da teoria e da experimentação, o que define o “universo fenómeno-lógico”, ou sejam, os factos.

Como os Observatórios Astronómicos, os Gabinetes de Física, os Laboratórios de Química, os Museus de História Natural e os Teatros Anatómicos —espaços de produção científica consignados pela modernidade— os Jardins Botânicos organizam-se segundo critérios precisos, ao situarem lugares e oposições, ao delimitarem relações e sistemas e ao proporem razões para tipologias epistémico-estéticas.

Por isso, o seu estudo aprofundado requer uma articulação entre várias instâncias e vários níveis descritivos: definir critérios para lugares e oposições; situar as relações existentes entre eles; delimitar sistemas comparativos; e propor nexos tendentes a circunscrever tipologias epistémico-estéticas.

Enquanto estruturam identidades teórico-práticas percorridas por uma gama complexa de expressões —conhecimentos, técnicas, modas e estilos— estas espacialidades abrigam saberes e fazeres, onde foram acontecendo manifestações do belo e sublime, servidas por registos artísticos (Arquitectura e Arquitectura Paisagista, Escultura e Cenografia). Por isso é que a realidade em estudo e a natureza do objecto em causa exigem abordagens enriquecidas pela presença de diferentes disciplinas, onde a relação entre cada uma delas e a instância interdisciplinar favoreça a articulação entre contributos múltiplos.

Neste contexto, as floras orientais e americanas, paradigmas de extremos que a Europa pôs em contacto, envolvem convites para a ordem do saber e do sonhar, tendo Portugal representado um papel pioneiro e de suma importância, enquanto agente dinamizador na rota das plantas, do endémico ao exótico. Na verdade, caravelas e naus estiveram ao serviço de uma aproximação intercontinental, no contexto de uma viagem pelo Segundo Reino da Natureza, com mudanças de fundo entre hábitos alimentares, produtos científicos (Medicina, Farmácia, Botânica), preferências arbóricolas e estilos florais.

1. LISBOA - ENTRADA DO JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.
2. LISBOA - JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.
3. LISBOA - JARDIM BOTÂNICO - RUA DAS PALMEIRAS (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.
4. GRUTA DO JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.
5. PONTE DO JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.

6. LISBOA - LAGO DO JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.
7. LISBOA - UMA ALAMEDA DO JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.
8. LISBOA - O CHORÃO DO JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.
9. LISBOA - VISTA GERAL DO JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.
10. LISBOA - UM TRECHO DO JARDIM BOTÂNICO (antes de 1906?)
Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Iconografia, postal ilustrado.

Tendendo para determinada ordem, no âmbito de uma estrutura simbólica integradora, à margem de qualquer caos e ao serviço do bom ajuste entre saberes e agires:

- cada jardim é uma ordem mantida entre determinados *in-puts*;
- um encontro de equilíbrios definidos no interior de um sistema só aparentemente fechado;
- uma emergência de fragmentos de sonho virtual e de fugas actualizadas, à margem da realidade circundante.

É precisamente no interior do contexto histórico e epistemológico das ciências modernas, quando houve necessidade de pugnar pela emergência autónoma de um novo campo do saber, relativamente à supremacia imperativa de uma Medicina, que os enunciados de Rousseau se mostram intimamente relacionados com a forma comose aplicou, na defesa do valor intrínseco e independente da Botânica (cf. 7, pp. 94-95).

Diferentes entre si, a Botânica de campo, de gabinetes ou de jardins (cf. 7, p. 98) aproxima-se dos objectos por metodologias e técnicas que ultrapassam a mera observação espontânea, no sentido da observação dirigida, da comparação orientada e da experimentação sistemática. É aqui que a disponibilidade para “ver em seus detalhes o espectáculo da natureza” (7, p. 93) encontra a importância do nome e da classificação.

Na origem, a Sistemática —estudo dos grupos naturais onde intervêm a classificação e a nomenclatura— recebeu de Charles von Linneus (1707-1778) (cf. 7, p. 94), através da sua classificação binária (género + diferença específica), a possibilidade de uma nova sistematização de conhecimentos; a qual correspondeu a uma condição de formação da ciência da vegetabilidade.

Ligada às múltiplas formas de cultivar, de coleccionar e de aclimatar plantas vivas, temos uma outra série de gestos ou de produtos que as valoriza, mesmo depois de mortas, e que diz respeito ao herbário, tema central das relações entre saber-ócio,

pensar-divagar, curiosidade-utilidade, corpo-espírito que percorrem as belas e surpreendentes “caminhadas botânicas” (7, p. 101).

Concebidos como espaços de produção científica em torno dos vegetais, os Jardins Botânicos abrigam lugares e oposições, relações, sistemas e tipologias epistémico-estéticas. Com efeito, possibilitados pelos sistemas que permitiram as novidades contidas na taxonomia e nomenclaturas modernas, emergiram por brechas e contornos precisos. Através deles apareceu uma inteligibilidade teórico-prática com uma gama complexa de expressões.

Apesar de não constituir uma realidade utópica, caso se considere que ela implica uma transcendência privada de existência real, é inegável que qualquer jardim alimenta um desejo de evasão incarnada. A jardinagem, essa, abriga “artifícios e artefactos” de esforços e felicidade, por demais enaltecidos no processo cultural. Na verdade, é evidente, que o discurso tende a falar dela como uma prática conotada com exercícios propícios ao aperfeiçoamento dos corpos e à libertação dos espíritos.

UTOPIA

Natureza -conjunto de seres, de leis ou de propriedades que regulam os seres.
 Jardim -terreno murado, plantado de vegetais úteis ou com fins recreativos.
 Utopia -plano ideal, melhor forma, felicidade, irrealizável, fantasia.
 Isto diz o dicionário. O que haverá a acrescentar-lhe, levando mais longe a reflexão?

Qualquer organização espacial materializa um conjunto de ideias e de opções, contendo uma visão do mundo e um modo de conviver. Por isso, nunca somos indiferentes à inserção citadina global, distribuição e hierarquia entre as dependências de um edifício, lugar ocupado por uma varanda, forma de uma parede ou janela, tipo de objectos e sua articulação numa sala. A organização urbana concretiza estas realidades, no interior de um sistema, alargado e articulado à sociedade que o integra. Se é certo que o diálogo com a Natureza foi objecto de mudanças históricas —ideias, comportamentos e práticas— pois representa modos diferentes de conviver com o universo, não é menos certo que, em qualquer dos casos, e mais obviamente em contextos urbanos baseados em critérios de qualidade, os jardins usufruem de “direito de cidadania”.

Situação que se avoluma, com forte razão, no modo de habitar de acordo com modelos utópicos. No discurso fundador que nos legou, Thomas Morus releva dois enunciados significativos:

- 1º enunciado -“atrás das casas e entre elas existem vastos jardins” (6, p. 76);
- 2º enunciado -“cada casa tem duas portas, uma das quais para a rua e outra para o respectivo jardim” (6, p. 76).

E mais adiante, vai explicitar melhor as razões primeiras desta constante, ritmada entre o esforço e o dom:

— “os habitantes das cidades cuidam com paixão dos seus jardins, onde cultivam a vinha e as árvores frutíferas, flores e toda a espécie de plantas. Aplicam nessa cultura tal ciência e tal gosto, que eu nunca vi em outra parte qualquer tanta fertilidade e abundância ligadas a tão bom gosto. Não é o prazer o único móvel que leva à prática da jardinagem; há emulação entre os diferentes bairros que rivalizam sobre qual terá o jardim mais cultivado. Nada na verdade se pode conceber de mais agradável ou mais útil aos habitantes que tal ocupação. Bem o compreendeu o fundador do Império que se esforçou por orientá-los neste sentido” (6, p. 76).

Isto poderá explicar também, porque é que, no “Livro Primeiro”, o autor pormenoriza estar a narrativa a acontecer num banco de jardim (cf. 6, p. 26), logo num clima exterior de sintonia entre a Natureza e a Arte, situação propícia a uma melhor vivência, quando se trata de dialogar sobre coisas importantes.

Envolvida por ambiguidades epistemológicas e históricas, a postura teórica em torno da problemática das utopias tem sido regulada por tensões inevitáveis e, por vezes, inadiáveis. Pode também afirmar-se a existência de uma articulação intrínseca entre a área e os limites onde as pensamos ou praticamos e o contexto social envolvente. Cabe ainda reconhecer quanto a sua natureza tensional corresponde a situações de dinamismo interior e exterior, nos termos de uma incomplitude. Por isso, não devemos assumi-las como ideias perenes, mas como ideias sujeitas à descontinuidade e mudança, logo exigindo um processo de reajustamento e inovação. O qual requer uma atitude reflexiva capaz de interrogá-las, dentro das diferenças onde nos movemos, colectiva e individualmente. Na actualidade, elas correspondem a diferentes tipos de relação, com condicionantes e efeitos múltiplos, dos modos de viver aos poderes instituídos, das disciplinas teóricas às artes e aplicações técnicas.

Aceite primeiro e ilusoriamente como neutra para ser questionada depois na sua não-neutralidade, a produção científica, artística e técnica vem-se manifestando, cada vez mais, como presença histórica incisiva, à qual não deverá ser alheio o nexo entre conhecimento e compromisso social. Por isso, as situações actuais agudizam as fronteiras e impasses de que estamos dependentes —no sentir, pensar e agir— quando denegamos a existência de várias densidades e síncrese entre os elementos envolvidos, a ponto de ser árduo ponderar quais são e como actuam os equilíbrios e desequilíbrios em jogo.

Paralelamente, vieram provar quanto é ilusório vivermos e raciocionarmos nos quadros de um possível, de que pretendemos delimitar os contornos para maior sossego quotidiano; ou nos limites de um impossível que enquadrámos rigidamente para pacificar a má consciência. Equacionando o futuro, parece importante, pois, que se teorizem os bloqueios e brechas onde os sistemas contemporâneos têm definido a

ordem dos seus termos —as (o)posições neles vigentes— e a lógica dos seus limites o que (não) podem pensar e (nem) permitem agir. Seja, aquilo que possibilita a sua emergência e (não) impede a sua transformação. Com base no carácter complexo de todas estas realidades, a pergunta que pergunta pela premência de um deslocamento teórico-prático, visando a inteligibilidade das utopias, parece ter significado para um amanhã assumido desde hoje.

Por outro lado, as propostas baseadas em princípios de alteridade e de alteração reassumem pertinência crítica e abrem pistas para alternativas e saídas pós-modernas, tendentes a possibilitar o equacionamento dos conservadorismos e das flexibilidades prospectivas, por onde nos movemos. Tudo isto contém algumas surpresas, inovando na história do pensamento: o mesmo e o outro, o mesmo contra o outro; o diferente mete medo. Segundo os ritmos próprios, o diferente iguala o impensável, de vez em quando. Geralmente, os obstáculos epistemológicos, que dificultam qualquer tipo de posicionamento teórico face a estas problemáticas, estão relacionados com certos mecanismos de defesa do sujeito do conhecimento, dominado pela mesmidade:

- no interior da tradição, ele tende a afastar todas as reflexões que valorizam indicadores de desordem, pois esta sua presença facultava-lhe situações de instabilidade ontológica, fragilidades tocando-o no essencial;
- além disso, proíbe-se de enfrentar índices de descontinuidade, porquanto está apostado em impedir os condicionalismos passíveis de desarticular o cariz continuísta da sua identidade.

O jogo entre algures e nenhures. O mesmo e o outro. Entre perspectiva e prospectiva. O que separa e une realidade e imaginário.

Concluindo, as manifestações acontecidas nos Jardins Botânicos —dos saberes às técnicas, dos estilos às modas— criaram modos de conhecer e de praticar, entre o belo e o sublime. Materializadas em registos científicos e artísticos, tais manifestações serviram como forma de aproximação mimética, da Utopia à Natureza distanciada ou distante.

BIBLIOGRAFÍA

BATESON, GREGORY (1980), *Mind and Nature. A Necessary Unity*. Toronto-New York-London-Sidney, Batam Books.

DELEAGE, JEAN PAUL (1991), *Histoire de l'écologie. Une science de l'homme et de la nature*. Paris, Editions La Découverte.

DROUIN, JEAN-MARC (1993), *L'Ecologie et son histoire. Réinventer la Nature*. Paris, Flammarion.

JANEIRA, ANA LUÍSA (1992), *Jardins do saber e do prazer. Jardins Botânicos*. Lisboa, Edições Salamandra.

NATUREZA, JARDINS BOTANICOS E UTOPIA

PUGH, SIMON (1988), *Garden-nature-language*, Manchester, Manchester University Press.

MORUS, TOMÁS (1992), *A Utopia*, Lisboa, Guimarães Editores.

ROUSSEAU, JEAN-JACQUES (1989), *Os devaneios do caminhante solitário*, Lisboa, Edições Cotovia.

THOREAU, HENRY DAVID (1981), *Walden and Others Writings*. Toronto-New York-London, Bantam Books, 1981.

ANA LUISA JANEIRA

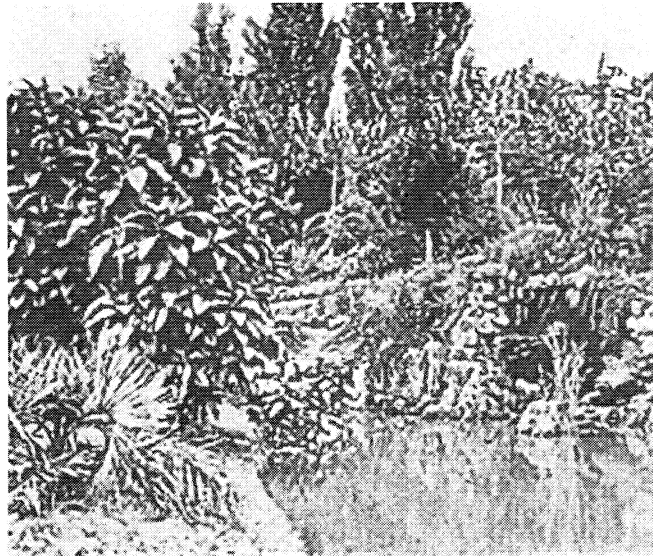
LISBOA - *Entrada do Jardim Botânico (Entrée du Jardin Botanique)*



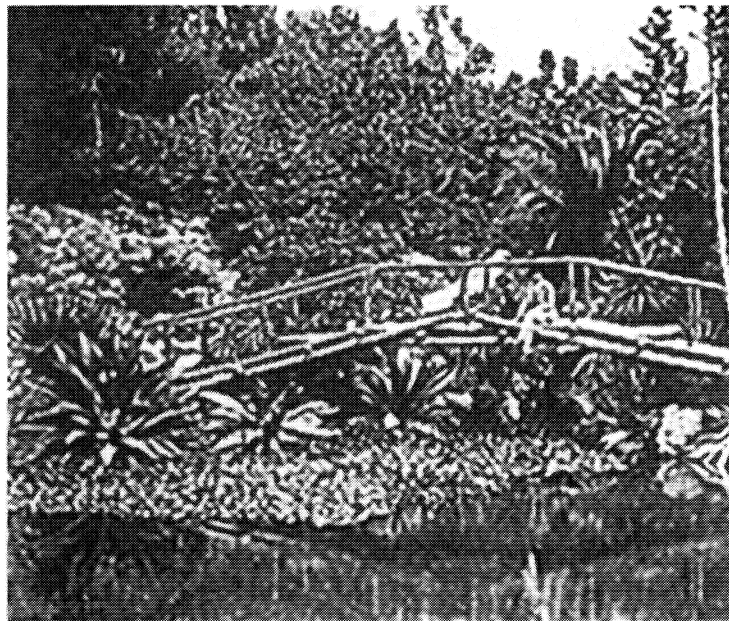
Lisboa - *Entrada do Jardim Botânico*
(antes de 1906?)



Lisboa - *Jardim Botânico*
(antes de 1906?)



Lisboa - *Gruta do Jardim Botânico* (antes de 1906?)

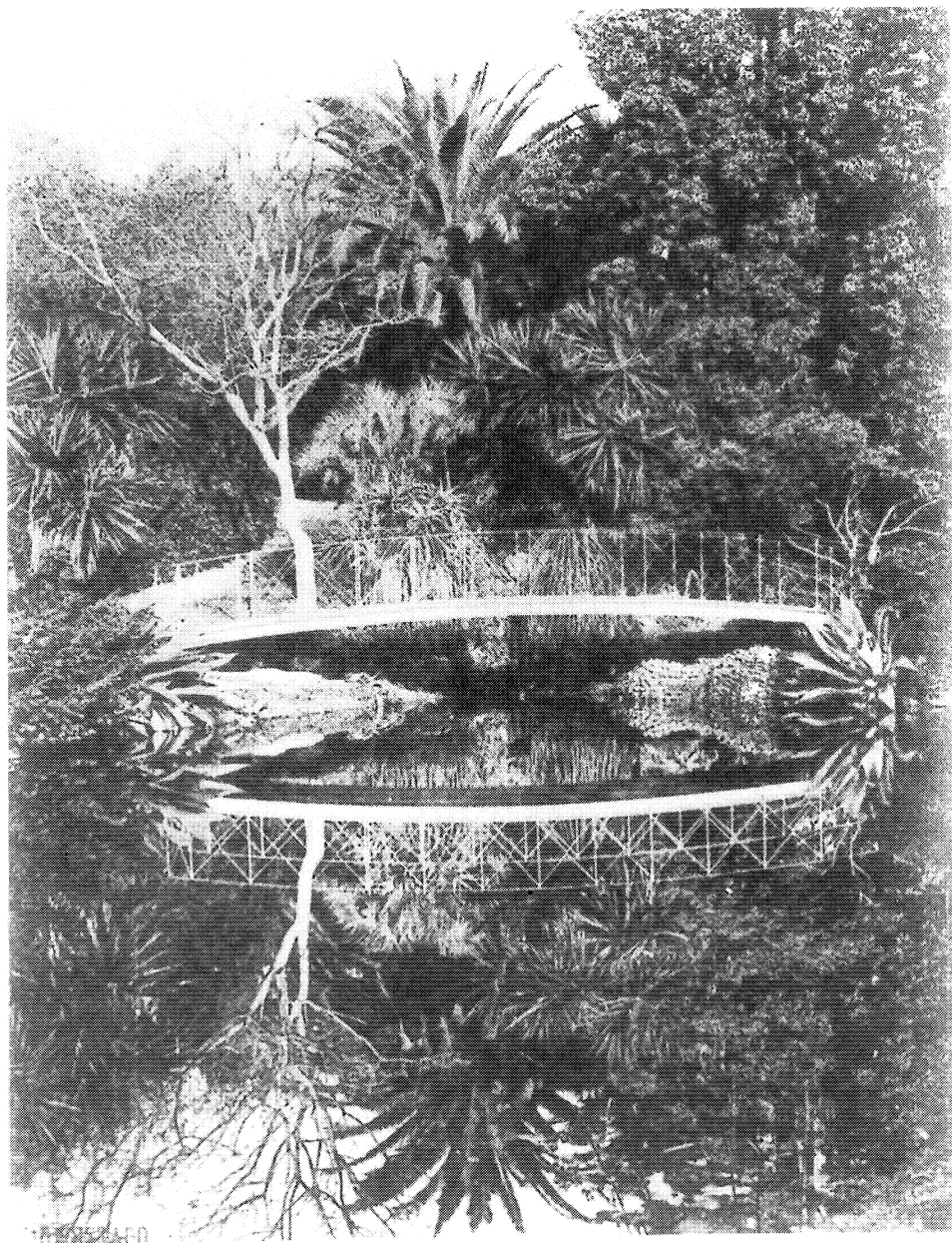


Lisboa - *Ponte do Jardim Botânico* (antes de 1906?)

ANA LUISA JANEIRA



Lisboa - *Jardim Botânico. Rua das Palmeiras* (antes de 1906?)



Lisboa - *Lago do Jardim Botânico* (antes de 1906?)

ANA LUISA JANEIRA



Lisboa - Uma Alameda do Jardim Botânico
(antes de 1906?)



Lisboa - O Chorão do Jardim Botânico
(antes de 1906?)



Lisboa - *Vista Geral do Jardim Botânico*
(antes de 1906?)



Lisboa - *Um Trecho do Jardim Botânico*
(antes de 1906?)